

cos do arquétipo mãe: o conceito de *anima*; a psicologia do arquétipo da criança; aspectos psicológicos do arquétipo da jovem divina etc.

C. G. Jung, *Essai d'exploration de l'inconscient* (primeiro capítulo do livro *L'Homme et ses symboles*, editado separadamente).*

O leitor que se interessar mais a fundo pelo assunto lerá com prazer *Moisés e a religião monoteísta*, de Freud, onde encontrará, na fonte, o pensamento do autor sobre o que ele denominava "herança arcaica" (especialmente nas páginas 114 a 119, da edição espanhola, Losada, 1945).

PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Todo ser tende a realizar o que existe nele, em germe, a crescer, a completar-se. Assim é para a semente do vegetal e para o embrião do animal. Assim é para o homem, quanto ao corpo e quanto à psique. Mas no homem, embora o desenvolvimento de suas potencialidades seja impulsionado por forças instintivas inconscientes, isso adquire um caráter peculiar: o homem é capaz de tomar consciência desse desenvolvimento e de influenciá-lo. Precisamente no confronto do inconsciente com o consciente, no conflito como na colaboração entre ambos é que os diversos componentes da personalidade amadurecem e unem-se numa síntese, na realização de um indivíduo específico e inteiro. Essa confrontação "é o velho jogo do martelo e da bigorna: entre os dois, o homem, como o ferro, é forjado num todo indestrutível, num indivíduo. Isso, em termos toscos, é o que eu entendo por processo de individuação" (Jung).

O processo de individuação não consiste num desenvolvimento linear. É um movimento de cir-

cunvolução que conduz a um novo centro psíquico. Jung denominou esse centro *self* (si mesmo). Quando consciente e inconsciente vêm ordenar-se em torno do *self*, a personalidade completa-se. O *self* será o centro da personalidade total, como o *ego* é o centro do campo do consciente.

O conceito junguiano de individuação tem sido muitas vezes deturpado. Entretanto é claro e simples na sua essência: tendência instintiva a realizar plenamente potencialidades inatas. Mas, de fato, a psique humana é tão complexa, são de tal modo intrincados os componentes em jogo, tão variáveis as intervenções do ego consciente, tantas as vicissitudes que podem ocorrer, que o processo de totalização da personalidade não poderia jamais ser um caminho reto e curto de chão bem batido. Ao contrário, será um percurso longo e difícil.

Pelo menos duas confusões freqüentes devem ser de início esclarecidas. Em primeiro lugar, não se pense que individuação seja sinônimo de perfeição. Aquele que busca individuar-se não tem a mínima pretensão a tornar-se perfeito. Ele visa completar-se, o que é muito diferente. E para completar-se terá de aceitar o fardo de conviver conscientemente com tendências opostas, irreconciliáveis, inerentes à sua natureza, tragam estas as conotações de bem ou de mal, sejam escuras ou claras. Outro erro grave seria confundir individuação com individualismo: "Vindo a ser o indivíduo que é de fato, o homem não se torna *egoísta* no sentido ordinário da palavra, mas está meramente realizando as particularidades de

sua natureza, e isso é enormemente diferente de egoísmo ou individualismo" (Jung). Note-se que o trabalho no sentido da individuação toma em atenta consideração os componentes coletivos da psique humana (conteúdos do inconsciente coletivo), o que desde logo permite esperar que daí resulte um melhor funcionamento do indivíduo dentro da coletividade.

Nesse trabalho, ele aprende por experiência própria que a estrutura básica de sua vida psíquica é a mesma estrutura básica da psique de todos os seres humanos. Um conhecimento dessa ordem de certo não fomenta sentimentos de orgulhosos privilégios individualistas. Acontece é que as relações interpessoais mudam no decurso do desenvolvimento da personalidade. Liquidam-se projeções. As relações de estreita dependência, de quase fusão com outros seres gradualmente se modificam para dar lugar a uma posição de "respeito pelo segredo que é cada vida humana". Talvez o indivíduo venha então a sentir-se algo solitário, porém estará cada vez mais longe do egoísmo individualista.

O processo de individuação é descrito em imagens nos contos de fada, mitos, no *opus alquímico*, nos sonhos, nas diferentes produções do inconsciente. Sobretudo através dos sonhos será possível acompanhá-lo ao vivo nos progressos, interrupções, regressões e interferências várias que perturbem seu desenvolvimento. Seguindo-o em numerosíssimos casos, Jung verificou a constante emergência de imagens análogas ou semelhantes que se sucediam, traçando, por assim dizer, o itinerário do caminho

percorrido. Baseado nessas observações, Jung descreveu as principais etapas do processo de individuação.

A preliminar será o desvestimento das falsas roupagens da *persona*.

Para estabelecer contatos com o mundo exterior, para adaptar-se às exigências do meio onde vive, o homem assume uma aparência que geralmente não corresponde ao seu modo de ser autêntico. Apresenta-se mais como os outros esperam que ele seja, ou como ele desejaria ser, do que realmente como é. A essa aparência artificial Jung chama *persona*, designação muito adequada, pois os antigos empregavam esse nome para denominar a máscara que o ator usava segundo o papel que ia representar. O professor, o médico, o militar, por exemplo, de ordinário mantêm uma fachada de acordo com as convenções coletivas, quer no vestir, no falar ou nos gestos. Os moldes da *persona* são recortes tirados da psique coletiva.

Se, numa certa medida, a *persona* representa um sistema útil de defesa, poderá suceder que seja tão excessivamente valorizada a ponto de o ego consciente identificar-se com ela. O indivíduo funde-se então com os seus cargos e títulos, ficando reduzido a uma impermeável casca de revestimento. Por dentro não passa de lamentável farrapo, que facilmente será estraçalhado se soprarem lufadas fortes vindas do inconsciente.

Nenhum exemplo ilustrará melhor o que seja a *persona* que o conto de Machado de Assis "O espelho".

Nesse conto, Machado apresenta a teoria de que o homem tem duas almas: "uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro [...] Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; e assim também a polca, o voltarete, um livro, u'á máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor etc.". E narra o caso de um jovem que, sendo nomeado alferes da Guarda Nacional, tanto se identificou com a patente que "o alferes eliminou o homem". Quando, por circunstâncias especiais, ele foi obrigado a ficar sozinho numa casa de campo onde não havia ninguém para prestar as louvações e marcas de respeito devidas ao alferes, sentiu-se completamente vazio. Até sua imagem no espelho, ele a via esfumada, sem contorno nítido. Esse fenômeno estranho levou-o ao pânico. Desesperado, lembrou-se de vestir a farda de alferes. "O vidro reproduziu então a figura integral, nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior".

Quanto mais a *persona* aderir à pele do ator, tanto mais dolorosa será a operação psicológica para despi-la.

Quando é retirada a máscara que o ator usa nas suas relações com o mundo, aparece uma face desconhecida.

Olhar-se em um espelho que reflita cruamente essa face é decerto um ato de coragem. Será visto nosso lado escuro onde moram todas as coisas que nos desagradam em nós, ou mesmo que nos assus-

tam. É nossa sombra. Os primitivos acreditavam que a sombra projetada por seus corpos, ou sua imagem refletida na água, fosse uma parte viva deles próprios. E, com efeito, a *sombra* (em sentido psicológico) faz parte da personalidade total. As coisas que não aceitamos em nós, que nos repugnam e que por isso reprimimos, nós as projetamos no *outro*, seja ele o nosso vizinho, o nosso inimigo político ou uma figura-símbolo como o demônio. E assim permanecemos inconscientes de que as abrigamos dentro de nós. Lançar luz sobre os recantos tem como resultado o alargamento da consciência. Já não é o *outro* quem está sempre errado. Descobrimos que frequentemente "a trave" está em nosso próprio olho.

Quanto mais a *sombra* for reprimida, mais se tornará espessa e negra. Exemplo impressionante desse fenômeno da dinâmica psíquica encontra-se no conto de R. Stevenson, "Dr. Jekyll e Mr. Hyde", que o cinema divulgou num filme intitulado *O médico e o monstro*. O Dr. Jekyll era um médico admirado pela sua capacidade, afável com os amigos e cheio de bondade para seus doentes. Mr. Hyde, um ser moralmente insensível, sempre pronto a cometer crimes. Os dois eram a mesma pessoa.

É muito curioso que o conto de Stevenson tenha tido origem num sonho do autor e logo haja sido escrito, quase sem pausas, em três dias. Trata-se de um extraordinário documento psicológico. Jekyll descreve-se: "Meu maior defeito era uma certa disposição natural para o prazer, disposição que fez a felicidade de muitos outros, mas que eu achava

difícil conciliar com o meu imperioso desejo de andar de cabeça erguida. Usava então diante do público de uma aparência mais grave que o comum". Ele se surpreendia ao ver que sob a forma de Hyde não lhe contentavam os prazeres que Jekyll não se permitia. Hyde, como personagem autônomo, livre de seguir seus impulsos, ia muito além, revelava-se intrinsecamente mau, capaz de todas as vilezas.

A *sombra* é uma espessa massa de componentes diversos, aglomerando desde pequenas fraquezas, aspectos imaturos ou inferiores, complexos reprimidos, até forças verdadeiramente malélicas, negrimes assustadores. Mas também na *sombra* poderão ser discernidos traços positivos: qualidades valiosas que não se desenvolveram devido a condições externas desfavoráveis ou porque o indivíduo não dispôs de energia suficiente para levá-las adiante, quando isso exigisse ultrapassar convenções vulgares.

A *sombra* coincide com o inconsciente freudiano e com o inconsciente pessoal junguiano. Nos sonhos ela costuma aparecer personificada em indivíduos do mesmo sexo do sonhador que representam, por assim dizer, o seu avesso. É um duro problema de início de análise o reconhecimento de figurantes do sonho, julgados desprezíveis pelo sonhador, como aspectos sombrios de sua própria personalidade.

Mas a *sombra* ultrapassa os limites do pessoal e alonga-se na *sombra coletiva*. Veremos então homens civilizados, quando reunidos em massa, portarem-se segundo os mais inferiores padrões. Caírem presas de preconceitos coletivos de discriminações

raciais. Fabricarem bodes expiatórios. Tornarem-se ávidos, destrutivos, sanguinários. Os exemplos são múltiplos e infelizmente estão de tal modo presentes no mundo contemporâneo que será desnecessário citá-los.

Depois de travar conhecimento com a própria *sombra*, uma tarefa muito mais difícil se apresenta. É a confrontação da *anima*.

Todos sabem que no corpo de cada homem existe uma *minoría* de gens femininos que foram sobrepujados pela maioria de gens masculinos. À feminilidade inconsciente no homem, Jung denomina *anima*: "A *anima* é, presumivelmente, a representação psíquica da minoria de gens femininos presentes no corpo do homem" (Jung). Essa feminilidade inconsciente no homem, indiferenciada, inferior, manifesta-se, na vida ordinária, por despropositadas mudanças de humor e caprichos.

Vêm compor a *anima* também as experiências fundamentais que o homem teve com a mulher através dos milênios, "um aglomerado hereditário inconsciente de origem muito longínqua, *tipo* de todas as experiências da linha ancestral em relação ao ente feminino, resíduo de todas as impressões fornecidas pela mulher" (Jung). A *anima* encerra os atributos fascinantes do "eterno feminino" — outras palavras, é o arquétipo do feminino.

O primeiro receptáculo da *anima* é a mãe, e isso faz que aos olhos do filho ela pareça dotada de algo mágico. Depois a *anima* será transferida para a

estrela de cinema, a cantora de rádio e, sobretudo, para a mulher com quem o homem se relacione amorosamente, provocando os complicados enredamentos do amor e as decepções causadas pela impossibilidade de o objeto real corresponder plenamente à imagem oriunda do inconsciente. Aliás essa transferência nem sempre se processa de modo satisfatório. A retirada da imagem da *anima* de seu primeiro receptáculo constitui uma etapa muito importante na evolução psíquica do homem. Se não se realiza, a *anima* é transposta, sob a forma da imagem da mãe, para a namorada, a esposa ou a amante. O homem esperará que a mulher amada assumo o papel protetor de mãe, o que o leva a modos de comportamento e a exigências pueris gravemente perturbadoras das relações entre os dois.

Na primeira metade da vida a *anima* projeta-se de preferência no exterior, sobre seres reais, estando sempre presente nas problemáticas do amor, suas ilusões e desilusões. Mas na segunda metade da existência, quando o jogo dessas projeções vai se esgotando, é a mulher dentro do homem, durante anos reprimida (porque no consenso coletivo um homem nunca deve permitir que o sentimento influua na sua conduta), quem penetra na sua vida sem ser chamada. O "homem forte" estará então frequentemente amuado, tornar-se-á hipersuscetível, surgirão intempestivas mudanças de humor, explosões emocionais, caprichos. Ele perderá progressivamente o comando em sua casa.

A *anima* apresenta-se personificada nos sonhos, nos contos de fada, no folclore de todos os povos, nos mitos, nas produções artísticas. As formas, belas ou horríveis, de que se reveste são numerosas: sereia, mãe-d'água, feiticeira, fada, ninfa, animal, súcubo, deusa, mulher. O princípio feminino no homem poderá desenvolver-se, diferenciar-se, transpor estádios evolutivos.

Eis um exemplo de *anima* correspondente à etapa em que fortes componentes sexuais acham-se mesclados a elementos românticos e estéticos. Fala, em linguagem enfática, a jovem tocadora de cinor pintada na parede de um túmulo pagão, lugar de refúgio do monge Pafnucio quando se debatia no seu doido amor por Thais: "Para onde pensas me fugir, insensato? Tu encontrarás a minha imagem no desabrochar das flores e no donaire das palmeiras, no vôo das pombas, nos saltos das gazelas, na fuga ondulosa dos regatos, nas dormentes claridades da lua. E, se fechares os olhos, a encontrarás em ti mesmo. [...] Conheces-me bem, Pafnucio. Por que não me reconheceste? Sou uma das inúmeras encarnações de Thais. [...] Decerto ouviste dizer que Thais viveu outrora em Esparta sob o nome de Helena. Em Tebas Hecatompila, ela teve uma outra existência. Onde vem tua surpresa? Era certo que, fosses aonde fosses, encontrarias Thais". (*Thais*, Anatole France, tradução brasileira de Sodré Viana.)

Exemplo de *anima* representativa de estágio evolutivo superior, misteriosa encarnação de espiritualidade e sabedoria é Mona Lisa. Dmitri Merej-

kowski, no livro *O romance de Leonardo da Vinci* (tradução brasileira de Brenno da Silveira) teve a intuição perfeita de que Mona Lisa era a própria alma do pintor, quando pôs na boca de um de seus discípulos estas palavras: "A realidade parecia um sonho e o sonho, realidade, como se Mona Lisa não fosse uma criatura viva, esposa de um cidadão florentino, um certo Messer Giocondo, o mais comum dos mortais, mas um ser semelhante aos espíritos e evocado pela vontade do mestre — uma fada, um sócio feminino do próprio Leonardo".

Se o princípio feminino no homem (*anima*) for atentamente tomado em consideração e confrontado pelo ego, os fenômenos decorrentes de seus movimentos autônomos dissolvem-se, suas personificações desfazem-se. A *anima* torna-se uma função psicológica da mais alta importância. Função de relacionamento com o mundo interior, na qualidade de intermediária entre o consciente e inconsciente, função de relacionamento com o mundo exterior, na qualidade de sentimento conscientemente aceito.

Do mesmo modo que no corpo de todo homem existe uma minoria de gens femininos, no corpo de cada mulher achá-se presente uma minoria de gens masculinos. Jung denomina *animus* à masculinidade existente no psiquismo da mulher. Essa masculinidade é inconsciente e manifesta-se, de ordinário, como intelectualidade mal diferenciada e simplista. Daí vermos freqüentemente mulheres sustentarem afirmações *a priori*, opiniões convencio-

nais que não resistem ao exame lógico mas que nem por isso deixam de ser teimosamente defendidas com argumentos acirrados. O *animus* opõe-se à própria essência da natureza feminina, que busca, antes de tudo, relacionamento afetivo. Sua hipertrofia resultará em humor querelante, em quebra de laços de amor.

O *animus* condensa todas as experiências que a mulher vivenciou nos seus encontros com o homem no curso dos milênios. E é a partir desse imenso material inconsciente que é modelada a imagem do homem que a mulher procura.

O primeiro receptáculo do *animus* será o pai. Transfere-se depois para o mestre, para o ator de cinema, o campeão esportivo ou o líder político. Projetado sobre o homem amado, faz dele uma imagem ideal, impossível de resistir à convivência cotidiana. Vêm as decepções inevitáveis.

As relações entre o homem e a mulher ocorrem dentro do tecido fantasmagórico produzido pela *anima* e pelo *animus*. Portanto, não é para surpreender que surjam emaranhados problemas na vida dos casais.

As personificações que o *animus* assume nos sonhos, contos de fada, mitos e outras produções do inconsciente variam em escala larguíssima: formas animais, selvagens, demônios, príncipes, criminosos, heróis, feiticeiros, artistas, homens brutos e homens requintados.

Do mesmo modo que a *anima*, o *animus* é suscetível de evoluir, de transformar-se. Vários contos

de fada nos dizem de príncipes metamorfoseados em animais que por fim são redimidos pela heroína do conto, o que significa evolução e integração do princípio masculino na consciência da mulher.

As representações dos aspectos negativos do *animus* são particularmente abundantes. Vamos encontrar exemplo dos mais típicos na Bíblia, no livro de Tobias (Cap. VI), onde é contada a história da jovem Sara, que se casou sete vezes e matou os sete maridos na noite de núpcias por estar possuída pelo demônio Sinaiticus. Muitas histórias medievais narrram também casos de mulheres que, possuídas de demônios, entregavam-se a um erotismo desenfreado e cometiam atos destrutivos.

Extraordinária figuração do *animus*, na literatura, é Heathcliff, personagem de *O morro dos ventos uivantes*, romance de Emily Brontë (tradução brasileira de Rachel de Queiroz). Heathcliff encarna os atributos negativos do *animus* em toda a sua crueza: brutalidade, crueldade, capacidade destruidora. Mas Emily, que vivia em íntimo contato com as imagens do inconsciente, conhecia também outras faces do *animus*. É assim que em seus poemas exalta um "anjo radiante", um "fantasma sempre presente — meu escravo, meu companheiro, meu rei".

O *animus* nos seus aspectos positivos tem funções importantes a realizar. É o mediador entre inconsciente e consciente, papel desempenhado pela *anima* no homem. Se atentamente cuidado e integrado pelo consciente, traz à mulher capacidade de reflexão, de autoconhecimento e gosto pelas coisas do espírito.

A noção da bissexualidade de todo ser humano, antes de ser aceita pela ciência, era já uma intuição antiqüíssima. Encontramo-la, por exemplo, no mito dos *andróginos*, apresentado por Aristófanes no *Banquete* de Platão. Os andróginos eram seres bissexuados, redondos, ágeis e tão possantes que Zeus chegou a temê-los. Para reduzir-lhes a força dividiu-os em duas metades: masculina e feminina. Desde então cada um procura ansiosamente sua metade. O homem e a mulher sofrem esse mesmo sentimento, expresso pelo mito de serem incompletos quando sozinhos, pois a natureza do homem pressupõe a mulher e a natureza da mulher pressupõe o homem.

Quando, depois de duras lutas, se desfazem as personificações da *anima* ou do *animus*, "o inconsciente muda de aspecto e aparece sob uma forma simbólica nova, representando o *self*, o núcleo mais interior da psique" (M. L. von Franz).

Surgem então, nos sonhos, as primeiras figuras desse centro profundo. Habitualmente, nos sonhos de mulheres, esse centro revela-se sob a forma de uma figura feminina superior — mulher desconhecida de quem emana autoridade e benevolência, sacerdotisa, deusa-mãe ou deusa do amor. Nos sonhos de homens assume o aspecto de velho sábio, de mago, de mestre espiritual, de filósofo. Essas personificações, sejam as femininas ou as masculinas, são dotadas de grande potencial energético, causando sempre ao sonhador uma impressão duradoura de maravilhamento.

O *self* não se revela apenas através de personificações humanas. Sendo uma grandeza que excede de muito a esfera do consciente, sua escala de expressões estende-se de uma parte ao infra-humano e de outra parte ao super-humano. Assim, seus símbolos podem apresentar-se sob aspectos minerais, vegetais, animais; como super-homens e deuses. E também sob formas abstratas. A denominação de *self* não cabe unicamente a esse centro profundo, mas também à totalidade da psique. O reconhecimento da própria sombra, a dissolução de complexos, a liquidação de projeções, a assimilação de aspectos parciais do psiquismo, a descida ao fundo dos abismos — em suma, o confronto entre consciente e inconsciente — produzem um alargamento do mundo interior do qual resulta que o centro da nova personalidade, construída durante todo esse longo labor, não mais coincida com o ego. O centro da personalidade estabelece-se agora no *self*, e a força energética que este irradia englobará todo o sistema psíquico. A conseqüência será a totalização do ser, sua esferificação (*abrundung*). O indivíduo já não estará fragmentado interiormente. Não se reduzirá a um pequeno ego crispado dentro de estreitos limites. Seu mundo agora abraça valores mais vastos, absorvidos do imenso patrimônio que a espécie penosamente acumulou nas suas estruturas fundamentais. Prazeres e sofrimentos serão vivenciados num nível mais alto de consciência. O homem torna-se *ele mesmo*, um ser completo, composto de consciente e inconsciente, incluindo aspectos

claros e escuros, masculinos e femininos, ordenados segundo o *plano de base* que lhe for peculiar.

Expressão por excelência da totalidade psíquica é a *mandala*. *Mandala*, palavra sânscrita, significa círculo, ou círculo mágico. Seu simbolismo inclui toda imagem concêntrica disposta, toda conferência ou quadrado tendo um centro e todos os arranjos radiados ou esféricos. O centro da mandala representa o núcleo central da psique (*self*), núcleo que é fundamentalmente uma fonte de energia: "A energia do ponto central manifesta-se na compulsão quase irresistível para levar o indivíduo a tornar-se aquilo que ele é, do mesmo modo que todo organismo é impulsionado a assumir a forma característica de sua natureza, sejam quais forem as circunstâncias" (Jung).

No curso do processo de individuação, em torno desse centro e em função dele, segundo tentamos descrever, vêm organizar-se os diferentes fatores psíquicos e mesmo os mais irreconciliáveis opostos. Cria-se uma ordem que "transforma o caos em cosmos". Mas não uma ordem estática. Formação, transformação constituem sua essência.

Valerá a pena o árduo trabalho da individuação? Aqueles que não se diferenciam permanecem obscuramente envolvidos numa trama de projeções, confundem-se, fusionam-se com outros e desse modo são levados a agir em desacordo consigo, com o plano básico inato de seu próprio ser. E é esse "desacordo consigo mesmo que constitui fun-

damentalmente o estado neurótico". Prossegue Jung: "A liberação desse estado só sobrevirá quando se puder existir e agir de conformidade com aquilo que é sentido como sendo a própria verdadeira natureza". Este sentimento será de início nebuloso e incerto, mas, à medida que evolui o processo de individuação, fortalece-se e afirma-se claramente. Então o homem poderá dizer, ainda que em meio a dificuldades externas e internas, embora reconhecendo que nenhuma carga é tão pesada quanto suportar a si mesmo: "Tal como sou, assim eu ajo".

Foram as próprias experiências internas de Jung que o levaram à descoberta do processo de individuação, segundo ele narra em suas *Memórias*. Viveu-o intensamente em todas as suas fases e, paralelamente, observava que o curso de desenvolvimento da personalidade de seus analisandos seguia roteiro semelhante, sempre progredindo em direção a um centro, a um núcleo energético que se revelava existente no mais íntimo da psique.

O *processo de individuação* é o eixo da psicologia junguiana.

Será discernido nos sonhos, contos de fada, mitos, no *opus alquímico*, em suma, nas mais diversas produções do inconsciente, percebendo-se em primeiro plano ora esta, ora aquela etapa do processo.

Leituras

- C. G. Jung, *The Relations between the Ego and the Unconscious*, Collected Works 7. Tradução francesa sob o título: *Dialectique du Moi et de l'Inconscient*.
- C. G. Jung, *The Archetypes and the Collective Unconscious*, Collected Works 9, parte I. Ver, a partir da página 275, os três trabalhos seguintes: *Conscious, unconscious and individuation; A study in the process of individuation; Concerning mandala symbolism*.
- M. L. von Franz, "Le Processus d'individuation", em C. G. Jung, *L'Homme et ses symboles*.

O SONHO

"O sonho é uma auto-representação espontânea, sob forma simbólica, da situação do inconsciente."

"O sonho é aquilo que ele é, inteiramente e unicamente aquilo que é; não uma fachada, não é algo pré-arranjado, um disfarce qualquer, mas uma construção completamente realizada."

"O sonho é coisa viva. Não é de modo algum coisa morta que soe como papel seco machucado. É uma situação existente, é como um animal com antenas ou com numerosos cordões umbilicais." Eis algumas definições que Jung dá ao sonho.

Sendo o inconsciente manifestação autêntica da natureza, o sonho, formação nativa do inconsciente, tem todas as características de um produto genuinamente natural. Exprime as coisas tais como elas são, na linguagem arcaica das imagens e dos símbolos. Não disfarça coisa alguma. "A natureza nunca é diplomática."

Para Freud "o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo reprimido". Jung não aceita o dis-